

RESENHA

A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

BOOK REVIEW: LA ESTRUCTURA DE LA PERSONA HUMANA

STEIN, Edith. La Estructura de La Persona Humana. Tradução de José Mardomingo. Introdução de Dra. L. Gelber. Madrid: Edição da Biblioteca de Autores Cristãos, 2002.

Mariana Bar Kusano

Mestranda em Ciências da Religião – PUC/SP

mkusano@hotmail.com

Resumo: Esta obra de Edith Stein faz parte de seus escritos de caráter pedagógico-anropológico e, sustentam uma reflexão acerca da pessoa humana em sua dimensão corpórea-psíquica e espiritual. A tese defendida por ela é de que a antropologia é o fundamento da pedagogia e, para isso, ela recorre a uma metafísica cristã que dê conta de responder o que é o homem em sua estrutura profunda. Seu método de investigação parte de uma descrição fenomenológica e, suas indagações, estabelecem um diálogo constante com as questões já elaboradas por Tomás de Aquino.

Palavras-chave: Antropologia, Pedagogia, Corpo, Alma, Espírito, Forma, Matéria.

Abstract: The following work by Edith Stein is one of her many writings with a pedagogic-anthropological character. Through them she studies the human person on its psycho-physical and spiritual dimensions. Her thesis is that the pedagogy's fundament is the anthropology; therefore she uses the Christian metaphysics to explain what man on its deepest structure is. Her research method begins on a phenomenological description and her questions duels constantly with the ideas developed by Thomas Aquinas.

Key-words: Anthropology, Pedagogy, Body, Soul, Spirit, Form, Material.

A produção literária de Edith Stein pode ser dividida em três períodos: o primeiro deles é caracterizado como o período fenomenológico que se estende desde sua tese de doutorado em Göttingen (1916) até sua conversão ao catolicismo em 1922; o segundo período, que vai de 1922 à sua passagem do Carmelo de Colônia ao Carmelo de Echt na Holanda (1938), concentra seus estudos de caráter pedagógico-antropológico; e por fim, de 1938 a 1942, Edith Stein produz os seus escritos eminentemente místicos no próprio Carmelo de Echt.

A obra em questão engloba o segundo período acima mencionado, no qual Edith Stein consegue a cátedra no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster, e no semestre de inverno do ano de 1933, ministra um curso cujo manuscrito fora publicado postumamente com o nome de *Der aufbau der menschlichen person*. A edição utilizada nesta resenha, no entanto, é uma tradução direta do original para o espanhol, cuidadosamente elaborada por José Mardomingo, intitulada *La Estructura de la Persona Humana*. A obra dispõe de aparelho crítico e possibilita a um maior número de leitores o contato com o pensamento de Edith Stein.

O livro traz uma reflexão sobre a teoria e a práxis pedagógica, cujo âmbito de atuação se estende para além de sua atividade específica, na medida em que pressupõe uma imagem de homem previamente constituída. A autora faz uma análise dessas imagens construídas e de seu correspondente usufruto na educação, através de uma avaliação crítica das concepções contemporâneas – o ideal humanista, a psicologia profunda, a filosofia da existência de Heidegger – que nos permite entrever os seus efeitos no processo de formação e suas implicações.

A partir disso, Edith Stein mostra que a ciência pedagógica ou a labor educativa não são independentes daquilo que às nutre. Há algo que sustenta toda atividade pedagógica e que corresponde ao seu fundamento: a antropologia. Todavia, não se trata de uma antropologia que siga o modelo das ciências naturais, pois esta é limitada apenas a caracterizações morfológico-descritivas ou explicações de ordem causal. É preciso, diz Edith Stein, uma antropologia que investigue o ser humano em todas as suas dimensões, que dê conta de sua individualidade e que ofereça critérios para atividade educativa no que concerne às estruturas supra-individuais como a raça e a humanidade. Pois é dessa

antropologia - filosófica que ela vai se ocupar na busca pela estrutura profunda do ser humano. No entanto, um estudo sério e profundo do ser, há de indagar sobre a relação que este ser finito e criado mantém com o ser infinito, e nesse sentido, a antropologia-filosófica há de recorrer a uma antropologia-teológica.

O método utilizado por Edith Stein é sistemático. Ela parte da observação das coisas mesmas, a partir de uma descrição fenomenológica. Suas indagações, em geral, não são inovadoras, mas refletem os problemas já elaborados por São Tomas. Percebe-se que Edith Stein, embora se deixando guiar pelos passos do mestre, ainda assim o fará numa espécie de revisão, através da perspectiva fenomenológica.

Com isso, ela retoma a problemática cosmológica de Tomas de Aquino, bem como toda a discussão a respeito da forma substancial, da matéria e do processo de individuação. Sua pergunta pela estrutura humana vai o tempo todo dialogar com a visão tomista de corpo, alma e espírito, tanto na dimensão dos homens, como em relação aos anjos e espíritos puros. A esse respeito, Edith Stein apresenta algumas divergências com São Tomas, sobretudo na tese defendida por ele acerca da natureza puramente formal dos anjos ou na defesa que ele faz sobre a matéria como princípio de individuação.

É neste contexto, portanto, que Edith Stein vai desenvolver sua concepção da estrutura humana. Em princípio, ela parte de uma descrição fenomenológica do mundo vegetal, animal e especificamente humano, visando os aspectos em comum entre os seres. A partir dos resultados obtidos, ela se vê diante da problemática conceitual entre espécies, indivíduos e suas inter-relações, que culmina com a pergunta pela origem das espécies. Posteriormente, tendo percorrido este caminho, submete os resultados a uma análise metafísica: a alma como forma e como espírito.

Edith Stein concebe o ser humano como uma pessoa livre e espiritual, dotada de corpo, alma e espírito que se mantêm juntos numa unidade substancial. O que difere a alma de um espírito puro é o fato dela ser um núcleo pessoal, núcleo do ser de uma estrutura espiritual-corporal. É essencial para a alma possuir um corpo, não no sentido de que nele esteja enraizada, mas por ser o lugar de onde ela extrai força para organizar as substâncias materiais que a integram.

Sua abordagem da pessoa humana evolui para uma visão do “eu” como pessoa livre e espiritual cuja vida se expressa em atos intencionais. O “eu” dispõe de uma responsabilidade intrínseca de poder e dever formar o *si mesmo*. Isto é, o homem, em sua configuração corporal-anímica, é matéria sujeita à formalização pela atividade do “eu”. Cabe dizer, em outras palavras, que o homem é o si mesmo que ele deve formar. E, é, sobretudo ao fato de ser dotado de uma alma espiritual – que se desprega em atos de pensar, sentir e querer - que o faz distante da fronteira com os outros seres.

O tema da liberdade, da vontade, dos valores e das motivações são examinados no interior dessa reflexão. No entanto, compreender o ser humano em sua estrutura pessoal e individual é compreender também, em que medida ele está determinado por seu ser social. Dessa maneira, o indivíduo humano é observado no interior de uma dinâmica de atos, relações, estruturas e tipos sociais, que apontam para um indivíduo imerso numa coletividade, e co-determinado em todo o seu ser corporal-anímico por ela.

Para Edith Stein, estudar o indivíduo humano isolado é uma pura abstração, na medida em que a vida em comum não se dá apenas por uma razão genética, mas por pertencer à própria condição humana. Condição esta, baseada num processo de desenvolvimento e configuração da pessoa, que – num contínuo atualizar-se - ocorre na simultaneidade com a ajuda de outros homens. Toda abordagem do tipo social, da comunidade e do povo, gira em torno deste eixo principal.

Porém, no que concerne a investigação sobre o destino do povo e do indivíduo inserido nesta grande comunidade, ela vai ainda mais a fundo, e chama a atenção para o fato de que acima de tudo está o criador e o reitor de todas as coisas. Tudo se deve a Ele. Tudo é vontade Dele. Por isso, ter responsabilidades com seu povo, assim como assumir determinados papéis sociais, são, de fato, tarefas do indivíduo mediante sua comunidade, mas não configuram o seu critério último de valor, que deve ser o de responder ou não à chamada de Deus.

Durante o texto, Edith Stein vai marcando as limitações do puro entendimento humano. A pergunta pelas origens - do mundo, do gênero, do indiví-

duo humano – permeia toda sua reflexão. Ela nota que mesmo recorrendo à experiência e à evidência filosófica, ainda assim lhe faltam critérios capazes de responder a questão: o que é o homem? É preciso que o entendimento humano encontre por si mesmo outra via de conhecimento, que para a autora, trata-se do conhecimento Revelado.

Tendo explicitado a estrutura da pessoa humana em suas diversas faces e dimensões – corpórea, psíquica e espiritual - Edith Stein vai recuperar a questão da pedagogia, a fim de estabelecer a maneira pela qual a Verdade Revelada sobre o homem deve orientar a tarefa educativa. Em última instância, ela apela para uma pedagogia que seja sustentada não apenas por uma fundamentação natural, mas também por uma fundamentação sobrenatural.

A missão do educador, portanto, sob essa perspectiva, será de agir como o instrumento através do qual Deus emprega a sua ação. Seu papel essencial será deixar que a Revelação o instrua, para que ele possa orientar o homem na sua salvação, mediante um contato espiritual vivo. E, a fim de ilustrar as idéias exploradas até então, Edith parte para um exemplo concreto, no qual ela estabelece uma comparação entre os atos pedagógicos e as verdades eucarísticas. Trata-se de uma relação, cuja ação eucarística participa da essência do ato pedagógico e que submete o educador a posição de cooperação com Deus.

Essa é a convicção pedagógica-antropológica visada por Edith Stein neste livro, no qual ela adiciona aos critérios da formação humana, os mistérios da fé católica, também vivenciados por ela enquanto filósofa e educadora.

*Recebido em outubro de 2007
Aprovado em novembro de 2007*